

# NORA ROBERTS

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*



BRUXA DA NOITE

LIVRO UM DA TRILOGIA PRIMOS O'DWYER



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para o poder da família,  
as de sangue, as formadas.*

*Quando nós três nos encontraremos de novo?  
Com trovão, raio ou chuva?  
Quando o tumulto acabar,  
Quando a batalha for perdida e vencida.*

– William Shakespeare, *Macbeth*

# 1



## INVERNO DE 1263

**P**ERTO DA SOMBRA DO CASTELO, NO FUNDO DA FLORESTA, SORCHA conduzia seus filhos na penumbra de volta para casa. Os dois mais novos estavam montados no pônei robusto, com Teagan, de apenas 3 anos, balançando a cabeça a cada passo penoso. Sorcha estava cansada depois da empolgação de Imbolc, do festival e das fogueiras.

– Cuide de sua irmã, Eamon.

Para Eamon, de 5 anos, cuidar da irmã bebê era o mesmo que acordá-la com uma rápida cutucada antes de ele voltar a morder as broas que a mãe assara naquela manhã.

– Logo você estará na cama, em casa – sussurrou Sorcha quando Teagan gemeu. – Estamos quase chegando.

Ela havia demorado demais na clareira, pensava. E embora Imbolc celebrasse os primeiros movimentos no útero da Mãe Terra, no inverno a noite caía rápida e dura.

Tinha sido uma estação de ventos gelados, chuvosa e fustigada pela neve. O nevoeiro durara todo o inverno, rasteiro, encobrindo o sol e a lua. Vezes de mais, no vento e na névoa, ouvira chamarem seu nome – um chamado que se recusou a atender. Vezes de mais, naquele mundo branco e cinzento, vira a escuridão.

Recusava-se a se meter com ela.

Seu homem lhe implorara para levar as crianças e ficar com seu *fine*, ou clã em gaélico irlandês, enquanto ele travava suas batalhas durante aquele interminável inverno.

Como esposa do *cennfine*, o chefe do clã, todas as portas estariam abertas para ela. E por direito, pelo que e por quem era, sempre seria bem-vinda.

Mas ela precisava de sua floresta, sua cabana, seu lar. Precisava ficar só tanto quanto precisava respirar.

Sempre cuidaria dos seus, de sua casa e família, sua arte e suas obrigações. E, acima de tudo, dos preciosos filhos que tivera com Daithi. Ela não tinha nenhum medo da noite.

Era conhecida como a Bruxa da Noite, e seu poder era enorme.

Mas naquele momento se sentia apenas uma mulher com saudade de seu companheiro, ansiando pelo calor dele, pelo corpo firme e bonito pressionado contra o seu na escuridão fria e solitária.

Para que servia a guerra? Para a ganância e as ambições de todos os reis mesquinhos? Ela só queria seu homem em casa, são e salvo.

Assim que ele voltasse, fariam um novo bebê e ela voltaria a sentir a vida em suas entranhas. Ainda lamentava a que perdera em uma terrível noite escura quando o primeiro vento do inverno soprara por sua floresta com um som de pranto.

Quantas pessoas ela havia curado? Quantas salvara? Contudo, quando o sangue vertera dela, no momento em que aquela vida frágil se esvaía, nenhuma magia, nenhuma oferenda, nenhuma barganha com os deuses a salvara.

Mas ela sabia muito bem que curar os outros era mais fácil do que curar a si mesma. E os deuses eram tão instáveis quanto uma garota frívola.

– Olhe! Olhe! – Brannaugh, sua filha mais velha, de 7 anos, saltitava pelo caminho duro com o grande cão deles em seus calcanhares. – O abrunheiro está florescendo. É um sinal!

Agora ela via o indício daqueles botões brancos leitosos entre os galhos pretos entrelaçados. Seu primeiro pensamento amargo foi que, enquanto Brígida, a deusa da fertilidade, abençoava a terra, seu útero estava vazio.

Então observou a filha, de olhar aguçado e bochechas rosadas, seu maior orgulho, rodopiando em meio à neve. Sorcha lembrou a si mesma de que havia sido abençoada. Três vezes.

– Isso é um sinal, mãe. – Com os cabelos escuros voando a cada giro, Brannaugh ergueu o rosto à luz que diminuía. – Da chegada da primavera.

– É, sim. Um bom sinal. – Como tinha sido o dia sombrio, quando a velha bruxa Caileach não conseguira encontrar lenha sem o sol brilhando. Então a primavera viria cedo, como rezava a lenda.

O abrunheiro floria, resplandecente, tentando as flores a imitá-lo.

Sorcha viu a esperança nos olhos da filha, como a tinha visto ao pé da fogueira em outros olhos e ouvido nas vozes. E procurou em si mesma aquela centelha de esperança.

Mas só encontrou apreensão.

Ele viria de novo esta noite – já podia senti-lo à espreita, esperando, tramando. Entre, pensou, fique dentro da cabana atrás da porta aferrolhada, com seus amuletos espalhados para proteger as crianças. Para se proteger.

Ela emitiu um comando para o pônei acelerar o passo e assoviou para o cão.

– Vamos, Brannaugh, sua irmã já está quase dormindo.

– Papai vem para casa na primavera.

Embora seu coração continuasse apertado, Sorcha sorriu e pegou a mão da filha.

– Ele vem, no Beltane, e teremos um grande festival.

– Posso vê-lo esta noite, com você? No fogo?

– Há muito a fazer. Precisamos cuidar dos animais antes de ir para a cama.

– Só um pouquinho? – Brannaugh inclinou o rosto para trás, seus olhos cinza como fumaça suplicantes. – Apenas por um momento e depois poderei sonhar que ele está em casa de novo.

Como ela própria faria, pensou Sorcha, sorrindo do fundo do coração.

– Por um momento, *m'inion*, minha filha, depois que o trabalho estiver feito.

– E tome seu remédio.

Sorcha ergueu as sobrancelhas.

– Devo tomar? Ainda parece precisar dele?

– Você continua pálida, mãe. – Brannaugh manteve sua voz mais baixa que o vento.

– Só estou um pouco cansada, mas você não precisa se preocupar. Aqui, segure sua irmã, Eamon! Alastar sente o cheiro de casa e ela tende a cair.

– Ela monta melhor do que Eamon e eu.

– Sim. Bem, o pônei é seu talismã, mas ela está quase dormindo nas costas dele.

Havia uma curva no caminho; os cascos do pônei ecoaram no chão gelado enquanto o animal trotava na direção do curral ao lado da cabana.

– Eamon, dê a Alastar uma concha extra de cereal esta noite. Você comeu a sua porção, não é? – perguntou quando o filho começou a murmurar.

Ele sorriu, bonito como uma manhã de verão, e, embora não pudesse pular rápido como um coelho, estendeu os braços.

Eamon sempre estava pronto para um abraço, pensou Sorcha, aninhando-o e puxando-o para baixo.

Ela não precisou ordenar que Brannaugh começasse suas tarefas. A garota cuidava da casa quase tão bem quanto a mãe. Sorcha pegou Teagan nos braços, murmurando, tranquilizando-a enquanto a carregava para dentro da cabana.

– É hora de sonhar, minha querida.

– Eu sou um pônei e galopo o dia inteiro.

– Ah, sim, o mais lindo dos pôneis, e o mais rápido também.

O fogo, transformado em cinzas quentes depois das horas sem ser reavivado, mal afastava o frio. Carregando a bebê para a cama, Sorcha estendeu a mão para a lareira. As chamas se ergueram de um salto.

Ela acomodou Teagan no beliche e acariciou seus cabelos claros como a luz do sol, iguais aos do pai, e esperou até os olhos da filha – profundos e escuros como os da mãe – se fecharem.

– Bons sonhos apenas – murmurou, tocando no talismã pendurado sobre as camas de seus filhos. – Sã e salva durante toda a noite. Que tudo que você é e tudo que você vê a ampare da escuridão para a luz.

Ela beijou o rosto macio e, erguendo-se, estremeceu ao sentir a contração em sua barriga. A dor ia e vinha, e se tornava mais forte no inverno. Seguiria o conselho da filha e faria uma poção.

– Brígida, neste seu dia, ajude-me a me curar. Tenho três filhos que precisam de mim. Não posso deixá-los sozinhos.

Ela deixou Teagan dormindo e foi ajudar as crianças mais velhas nas tarefas.

Quando a noite caiu, cedo e rápido demais, trancou a porta antes de repetir seu ritual noturno com Eamon.

– Não estou nem um pouco cansado – disse ele, com os olhos se fechando.

– Estou vendo. E também vejo que você está bem acordado e muito ansioso. Vai voar de novo esta noite, *mhic*, meu filho?

– Vou, alto no céu. Você vai me ensinar mais amanhã? Posso sair com Roibeard pela manhã?

– Vou. E pode, sim. O falcão é seu. Você o vê, conhece e sente. Agora

descanse. – Ela despenteou os cabelos castanhos como casca de árvore e beijou os olhos fechados do filho, selvagens e azuis como os do pai.

Quando desceu do sótão, encontrou Brannaugh já perto do fogo, com seu cão farejador.

Irradiando saúde, pensou Sorcha – graças à deusa –, e com o poder que ainda não controlava ou entendia de todo. Haveria tempo para isso. Sorcha rezava para que ainda houvesse.

– Fiz o chá – disse-lhe Brannaugh. – Exatamente como você me ensinou. Acho que vai se sentir melhor depois de bebê-lo.

– É você que cuida de mim agora, *mo chroi*, minha querida? – A mãe sorriu, pegou o chá, cheirou-o e assentiu. – Você tem mão para isso. O dom da cura é forte. Com ele, será bem-vinda e necessária aonde for.

– Não quero ir a lugar nenhum. Quero ficar aqui com você, papai, Eamon e Teagan. Sempre.

– Um dia você poderá olhar para além da nossa floresta. E haverá um homem.

Brannaugh bufou.

– Eu não quero um homem. O que eu faria com um homem?

– Bem, isso é uma conversa para outro dia.

Ela foi tomar o chá sentada com a filha perto da lareira, um largo xale ao redor das duas. Quando Brannaugh tocou sua mão, Sorcha entrelaçou os dedos aos da filha.

– Tudo bem, mas só por um momento. Você precisa ir para a cama.

– Posso fazer isso? Posso trazer a visão?

– Sim, veja o que tem. Faça o que quiser. Veja-o, Brannaugh, o homem do qual você veio. É o amor que o traz.

Sorcha observou a fumaça girar, as chamas aumentarem e depois diminuírem. Bom, pensou ela, impressionada. A garota aprendia muito rápido.

A imagem tentou se formar nas cavidades e depressões da chama. Fogo dentro de fogo. Silhuetas, movimentos e, por um momento, o murmúrio de vozes muito distantes.

Ela viu a intensidade no rosto da filha, o leve brilho de suor proveniente do esforço. É de mais para alguém tão jovem, pensou.

– Faremos isso juntas – disse Sorcha em voz baixa.

Ela evocou seu poder e o combinou com o de Brannaugh.

Um rápido rugido, um giro de fumaça, uma dança de fagulhas. Depois clareza.

E lá estava ele, o homem que ambas queriam por perto.

Sentado próximo ao fogo, dentro de um círculo de pedras. Os cabelos claros trançados caíam sobre a capa escura ao redor de seus ombros largos. Preso nela, o *dealg* – ou espinho – de sua posição hierárquica brilhava à luz das chamas.

O broche que Sorcha forjara com fogo e magia – o cão, o cavalo, o falcão.

– Ele parece cansado – disse Brannaugh, apoiando a cabeça no braço da mãe. – Mas tão bonito! O mais bonito dos homens.

– Sim, ele é. Bonito, forte e corajoso.

Ah, como ansiava por ele!

– Pode ver quando ele vai voltar para casa?

– Nem tudo pode ser visto. Talvez eu receba um sinal quando ele estiver mais perto. Mas esta noite vemos que está seguro e bem, e isso é suficiente.

– Ele pensa em você. – Brannaugh olhou para o rosto da mãe. – Posso sentir isso. Ele pode nos sentir pensando nele?

– Ele não tem o dom, mas tem o coração, o amor. Talvez possa. Agora vá para a cama. Subirei logo.

– O abrunheiro está florindo e a velha bruxa não viu o sol hoje. Ele voltará logo. – Brannaugh se levantou e beijou a mãe. O cão subiu a escada com ela.

Sozinha, Sorcha observou seu amor no fogo. E chorou.

Mesmo enquanto enxugava as lágrimas o ouviu. O chamado.

Ele a confortaria, ele a aqueceria – essas eram suas mentiras sedutoras. Ele lhe daria tudo que ela desejasse, e mais. Bastava entregar-se a ele.

– Nunca serei sua.

*Você será. Você é. Venha e conheça todos os prazeres, toda a glória. Todo o poder.*

– Você nunca me terá, nem o que guardo dentro de mim.

A imagem no fogo mudou. E ele veio nas chamas. Cabhan, cujo poder e objetivo era mais sombrio que a noite invernal. Ele a queria – desejava seu corpo, sua alma, sua magia.

Sorcha sentia a luxúria dele como mãos suadas em sua pele. Mas sabia que, mais do que isso, ele cobiçava seu dom. O peso da cobiça pairava no ar.

Nas chamas, ele sorriu, bonito e implacável.

*Eu a terei, Sorchá da Noite. Você e tudo o que você é. Fomos feitos um para o outro. Somos iguais.*

Não, pensou ela, não somos iguais. Somos como o dia e a noite, a luz e a escuridão, que só se juntam nas sombras.

*Você está só, e sobrecarregada. Seu homem lhe deixou uma cama fria. Venha se aquecer na minha; sintá o calor. Faça esse calor comigo. Juntos, governaremos todo o mundo.*

Sua energia fraquejou, a dor e a contração a afligiram.

Então ela se levantou e deixou o vento quente soprar seus cabelos. Deixou o poder fluir até fazê-la brilhar. E viu, mesmo nas chamas, a luxúria e a cobiça no rosto de Cabhan.

Sabia que era isso que ele queria, a glória que corria em seu sangue. E era isso que nunca teria.

– Conheça minha mente e sintá meu poder, antes, agora e em todas as horas. Você me oferece seu desejo sombrio, vem a mim na fumaça e no fogo. Para trair meu sangue, meus bebês, meu homem, governar todos, basta pegar sua mão. E minha resposta para você vem na forma de vento e mar, da trindade de donzela, mãe e anciã. Que assim seja.

Ela estendeu os braços, liberou a fúria totalmente feminina, rodopiando, e a lançou na direção de onde o coração dele batia.

Houve um instante de puro e louco prazer em seu íntimo ao ouvir o grito de raiva e dor, ao ver a raiva e a dor explodirem no rosto dele contra as chamas.

Então o fogo se tornou apenas fogo, queimando baixo durante a noite, trazendo um pouco de calor para combater a amargura. A cabana era apenas uma cabana, silenciosa e escura. E ela era apenas uma mulher sozinha com seus filhos, que dormiam.

Sorchá desabou na cadeira, pondo um braço sobre sua barriga contraída.

Cabhan se fora, por enquanto. Mas o medo que tinha dele permanecia. Assim como persistia o medo de que nenhuma poção lhe curasse o corpo e ela acabasse deixando seus filhos sem mãe.

Indefesos.

SORCHA ACORDOU COM A FILHA MAIS NOVA ACONCHEGADA A ELA E ISSO lhe deu conforto, mesmo tendo que se levantar e começar seus afazeres.

– Mamãe, fique.

- Tenho que trabalhar, meu raio de sol. E você devia estar na sua cama.
- O homem mau veio. Ele matou meus pôneis.

O pânico apertou o coração de Sorchá. Cabhan tocando em seus filhos – seus corpos, suas mentes, suas almas? Aquilo lhe trouxe um medo e uma raiva indescritíveis.

– Foi só um sonho, minha querida. – Ela puxou Teagan para perto, embalou-a e acalmou-a. – Só um sonho.

Mas os sonhos tinham poder e traziam riscos.

– Meus pôneis gritaram e eu não consegui salvá-los. Ele ateou fogo nelas, e eles gritaram. Alastar veio e derrubou o homem mau. Eu fugi montada em Alastar, mas não consegui salvar os pôneis. Tenho medo do homem mau no sonho.

– Ele não vai machucar você. Nunca permitirei que ele a machuque. Só pôneis no sonho. – Com os olhos firmemente fechados, beijou os cabelos claros e desgrenhados e as bochechas de Teagan. – Vamos sonhar com mais pôneis. Verdes e azuis.

– Pôneis verdes!

– Sim, verdes como as colinas. – Aconchegando-se, Sorchá ergueu uma das mãos, fez um círculo com o dedo, até que pôneis azuis, verdes, vermelhos e amarelos dançaram no ar acima de suas cabeças. Ouvindo as risadinhas da filha mais nova, Sorchá guardou seus medos e sua raiva, encerrando-os com determinação.

Ele nunca machucaria seus filhos. Ela o veria morto, e a si mesma com ele, antes de permitir isso.

– Todos os pôneis vão comer aveia agora. E você venha comigo fazer o desjejum.

– Tem mel?

– Sim. – O simples desejo de uma guloseima fez Sorchá rir. – Haverá mel para as boas meninas.

– Eu sou boa!

– Você tem o mais puro e doce dos corações.

Sorchá pegou Teagan, que se agarrou firmemente a ela, sussurrando em seu ouvido:

– O homem mau disse que me levaria primeiro porque sou a mais nova e mais fraca.

– Ele nunca a levará, juro pela minha vida. – Sorchá afastou Teagan para

que a filha pudesse ver a verdade em seus olhos. – Eu juro. E, minha querida, você não é fraca e nunca será.

Então ela alimentou o fogo, despejou mel no pão e preparou o chá e a aveia. Todos eles precisavam de força para o que ela faria naquele dia. O que precisava fazer.

O filho desceu do sótão, com os cabelos desgrenhados e embaraçados de quem acaba de acordar. Ele esfregou os olhos e cheirou o ar como um cão.

– Eu lutei contra o bruxo negro. Não fugi.

O coração de Sorcha disparou.

– Foi um sonho. Conte-me.

– Eu estava na curva do rio onde guardamos o bote e ele veio. Eu soube que era um bruxo negro, porque o coração dele é negro.

– O coração dele!

– Eu vi dentro do coração dele, embora ele sorrisse como um amigo e me oferecesse bolo de mel. “Ei, garoto”, disse. “Tenho uma guloseima para você.” Mas o bolo estava cheio de vermes e sangue preto dentro. Dava para ver que estava envenenado.

– Você viu dentro do coração dele e dentro do bolo?

– Vi, eu juro.

– Acredito em você. – Então seu homenzinho tinha mais poder do que ela imaginava.

– Eu disse para ele: “Coma você o bolo, porque é a morte na sua mão.” Mas ele o atirou para o lado e os vermes rastejaram para fora e queimaram até virar cinzas. Ele pensou que me afogaria no rio, mas atirei pedras nele. Aí Roibeard veio.

– Você chamou o falcão em seu sonho?

– Eu quis que ele viesse e ele veio, mostrando as garras. Então o bruxo preto foi embora, como fumaça no vento. E eu acordei na minha cama.

Sorcha o puxou para perto e acariciou seus cabelos.

Ela lançara sua fúria contra Cabhan, por isso ele foi atrás de seus filhos.

– Você é corajoso e leal, Eamon. Agora coma. Temos que cuidar do gado.

Sorcha se aproximou de Brannaugh, parada ao pé da escada.

– E você também.

– Ele veio em meu sonho. Disse que me tornaria sua noiva. Ele... tentou me tocar. Aqui. E aqui. – Pálida, ela levou as mãos aos seios e depois entre as pernas.

Tremendo, pressionou o rosto contra o da mãe quando Sorcha a abraçou.

– Eu o queimei. Não sei como, mas fiz os dedos dele queimarem. Ele me amaldiçoou e fechou as mãos em punhos. Kathel pulou para a cama, rosando e mordendo. Então o homem foi embora. Mas ele tentou me tocar e disse que me tornaria sua noiva, e...

A raiva despertou em meio ao medo.

– Ele nunca fará isso. Eu juro. Ele nunca vai pôr as mãos em você. Agora coma, coma tudo. Há muito trabalho a fazer.

Sorcha mandou todos eles irem dar de comer e beber aos animais, limpar os estábulos e ordenhar a vaca gorda.

Sozinha, preparou-se reunindo seus utensílios. A tigela, os sinos, as velas, a faca sagrada e o caldeirão. Escolheu as ervas que havia plantado e secado. E os três braceletes de cobre que Daithe comprara para ela em uma feira de verão, muito tempo atrás.

Saiu, respirou fundo e ergueu os braços para agitar o vento. Chamou o falcão.

Ele veio com um grito que ecoou sobre as árvores e as colinas ao longe, fazendo os criados do castelo que estavam perto do rio olharem para cima. As asas do falcão, bem abertas, refletiram o brilho do sol de inverno. Sorcha ergueu o braço para que aquelas garras duras se firmassem em sua luva de couro.

Olhou nos olhos do falcão, e ele a encarou de volta.

– Rápido e sábio, forte e destemido. Você é de Eamon, mas meu também. Servirá ao que vem de mim. O que é meu servirá ao que vem de você. Preciso de você e peço isso por meu filho, seu amo e criado.

Ela lhe mostrou a faca e o falcão não piscou.

– Roibeard, eu lhe peço três gotas do sangue de seu peito e uma única pena de sua grande asa. Por essas dádivas canto seus louvores. Para guardar meu filho, isto é feito.

Ela o espetou e segurou o pequeno frasco para colher as três gotas. Arrancou uma única pena.

– Obrigada – sussurrou. – Fique por perto.

Ele voou da mão de Sorcha, mas apenas até o galho de uma árvore. Fechou as asas e ficou atento.

Ela assoviou, chamando o cão. Kathel a observou com amor e confiança.

– Você é de Brannaugh, mas meu também – começou, e repetiu o ritual, pegando as três gotas de sangue e um pouco do pelo do flanco.

Por último, foi até o estábulo, seguindo a direção do riso das crianças, que cumpriam suas tarefas. Sorcha tirava força disso. Acariciou o focinho do pônei.

Teagan veio correndo quando viu a faca.

– Não!

– Eu não vou machucá-lo. Ele é seu, mas meu também. Servirá ao que vem de mim e você servirá ao que vem dele. Preciso de você, Alastar, e peço isso por minha filha, sua ama e criada.

– Não o corte. Por favor!

– É só uma espetadela, só um pouquinho e apenas se ele consentir. Alastar, eu lhe peço três gotas do sangue de seu peito e um pouco dos pelos de sua bela crina. Por essas dádivas louvo seu nome. Para guardar minha pequenina, isto é feito.

Sorcha disse em voz baixa para a filha:

– Apenas três gotas, um pouco da crina. E pronto.

Embora Alastar continuasse quieto, com seus olhos sábios e calmos, Sorcha pôs as mãos no pequeno corte, usando sua magia para curá-lo. Pelo coração terno da filha.

– Venham comigo agora, todos. – Ela ergueu Teagan, encaixando-a no quadril, e seguiu na frente, em direção à casa. – Vocês sabem o que eu sou. Nunca escondi. Sabem que também carregam o dom. Eu sempre lhes disse isso. A magia de vocês é jovem e inocente. Um dia será forte e rápida. Vocês devem honrá-la. Devem usá-la sem prejudicar ninguém, porque o mal que fizerem voltará em triplo. Sim, a magia é uma arma, mas não deve ser usada contra os fracos e inocentes. É um dom e um fardo, e vocês carregarão ambos. Passarão isso para aqueles que vierem de vocês. Hoje aprenderão mais. Prestem atenção em mim e no que faço. Observem, ouçam, compreendam.

Ela foi até Brannaugh primeiro.

– Seu sangue e o meu, com o sangue do cão. Sangue é vida. Perdê-lo é a morte. Três gotas suas, três gotas minhas e, com as do cão, o feitiço está feito.

Brannaugh pôs a mão sobre a da mãe sem hesitação e se manteve firme quando Sorcha a espetou com a faca.

– Meu filho – disse para Eamon. – Três gotas suas, três gotas minhas e mais três do peito do falcão, para selar três partes.

Embora tivesse os lábios trêmulos, Eamon estendeu a mão.

– E meu bebê. Não tenha medo.

Teagan ficou com os olhos rasos d'água, mas ofereceu a mão e observou a mãe solenemente.

– Três gotas suas, três gotas minhas, com o cavalo como seu guia, a magia segue.

Ela misturou o sangue e beijou a mãozinha de Teagan.

– Pronto, está feito.

Pegou o caldeirão e pôs os frascos na bolsa em sua cintura.

– Tragam o restante. É melhor fazer isto lá fora.

Escolheu o local, no chão duro coberto de neve à sombra das árvores.

– Deveríamos buscar lenha? – perguntou-lhe Eamon.

– Não para isto. Fiquem aqui, juntos.

Ela foi para além deles e evocou a deusa, na terra, no ar, na água e no fogo. Lançou o círculo. A chama baixa veio do chão e o circundou até as pontas se encontrarem. Dentro dele surgiu um calor como o da primavera.

– Isto é proteção e respeito. O mal não pode entrar, a escuridão não pode derrotar a luz. E o que é feito dentro do círculo é feito para o bem, por amor. Primeiro a água, do mar e do céu. – Ela pôs as mãos em concha e as abriu, derramando no caldeirão água azul como a de um lago iluminado pelo sol. – E a terra, nossa terra, nossos corações.

Sacudiu uma das mãos, depois a outra, e uma preciosa terra castanha foi posta no caldeirão.

– E o ar, canção do vento, respiração do corpo.

Abriu os braços e soprou. E, como música, o ar se juntou à terra e à água.

– Agora o fogo, chama e calor, início e fim.

Ao erguer os braços e virar as mãos para baixo, ela estava resplandecente, os olhos azuis ardentes e o ar ao seu redor esquentando.

Dentro do caldeirão surgiu o fogo, lançando chamas e centelhas dançantes.

– Foi seu pai que me deu isto. São um sinal do amor dele e do meu. Vocês três são frutos desse amor.

Ela atirou três braceletes de cobre no fogo e, circundando-o, acrescentou o pelo do cão, a crina do pônei, a pena do falcão e sangue.

– A deusa me dá poder para ficar neste lugar, neste momento. Faça este feitiço para proteger de todo o mal meus três filhos e todos que vierem deles e de mim. O cavalo, o falcão, o cão, pelo sangue se obrigam para sempre a proteger e servir de uma vida para outra, na alegria, na tristeza, na saúde, na discórdia. Na terra, no ar, na chama, no mar. Como eu farei. Que assim seja.

Sorcha ergueu os braços bem alto e virou o rosto para o céu.

O fogo subiu em uma torre, vermelho e dourado, com um tom forte de azul no centro, girando em direção ao céu frio de inverno.

A terra estremeceu. A água gelada do riacho rugiu. E o vento uivou como um lobo em busca de sua presa.

Então tudo parou, sumiu, e restaram apenas três crianças de mãos dadas vendo a mãe – agora pálida como a neve – oscilar.

Sorcha balançou a cabeça quando Brannaugh começou a caminhar em sua direção.

– Ainda não. Magia é esforço. Dar e receber. Deve ser completada. – Ela pegou no caldeirão os três amuletos de cobre. – Para Brannaugh, o cão; para Eamon, o falcão; e para Teagan, o cavalo. – Aplicou um amuleto sobre a cabeça de cada criança. – Esses são seus sinais e escudos. Eles os protegem. Devem sempre mantê-los com vocês. Ele não poderá tocar no que vocês são se tiverem seu escudo, se acreditarem no poder do amuleto, no meu e no de vocês. Um dia passarão isso para um que vier de vocês. Saberão qual. Contarão a história a seus filhos e cantarão velhas canções. Receberão a dádiva e a transmitirão.

Teagan admirou seu amuleto e sorriu ao virar o pequeno objeto oval na luz do sol.

– É bonito. Parece Alastar.

– É dele, seu, meu, de seu pai, de seu irmão e de sua irmã. Como não seria bonito? – Ela se abaixou para beijar a bochecha de Teagan. – Tenho filhos muito bonitos.

Mal pôde se aguentar, e teve de conter um gemido quando Brannaugh a ajudou a ficar em pé.

– Tenho que fechar o círculo. Devemos levar tudo para dentro agora.

– Nós a ajudaremos – disse Eamon, pegando a mão da mãe.

Com seus filhos, ela fechou o círculo, e os deixou carregar os utensílios para dentro da casa.

– Você precisa descansar. Sente-se perto do fogo. – Brannaugh levou a mãe até a cadeira. – Vou lhe preparar uma poção.

– Sim, uma forte. Mostre aos seus irmãos como se faz.

Sorcha sorriu quando Teagan pôs um xale ao redor dos seus ombros e Eamon abriu um cobertor sobre seu colo. Mas assim que começou a estender a mão para pegar a xícara que Brannaugh trouxe, a filha a puxou de volta. Então apertou a carne ao redor do corte em sua mão até três gotas caírem dentro.

– Sangue é vida.

Sorcha suspirou.

– Sim, é. Obrigada.

Ela bebeu a poção e dormiu.

## 2



**P**OR UMA SEMANA, DEPOIS DUAS, SORCHA ESTEVE FORTE E MANTEVE seu poder. Cabhan tentou destruí-la, insinuou-se, mas ela o deteve.

O abrunheiro e as campainhas brancas floresceram, e a luz se tornou mais primaveril do que invernal.

Todas as noites Sorchha via Daithi no fogo. Quando podia, falava com ele, arriscava lhe enviar seu espírito para evocar o cheiro, a voz e o toque dele – e deixar os seus.

Para fortalecer a ambos.

Não lhe disse nada sobre Cabhan. A magia era o mundo dela. A espada, o punho e até mesmo o coração de guerreiro de Daithi não podiam derrotar Cabhan. Cabia a ela proteger a cabana, que já lhe pertencia antes de tornar Daithi seu homem.

E ainda assim contava os dias para o Beltane, o dia em que ele voltaria para casa.

Seus filhos cresciam e aprendiam. Uma voz em sua cabeça a exortava a lhes ensinar o mais rápido possível. Sorchha não a questionava.

À noite, passava horas à luz da vela de sebo e da lareira escrevendo seus feitiços, suas receitas e até mesmo seus pensamentos. Quando ouvia o rugido do lobo ou o bater do vento, ignorava-os.

Por duas vezes foi chamada ao castelo para uma cura e levou os filhos para brincar com as outras crianças, mantê-los por perto e deixá-los ver o respeito que as pessoas tinham pela Bruxa da Noite.

Porque seu nome e tudo o que ele carregava seriam o legado deles.

Mas sempre que voltavam para casa precisava de uma poção para recuperar a força empenhada na magia da cura que dispensava aos necessitados.

Embora ansiasse pelo seu homem e pela saúde que temia nunca mais

recuperar, ensinava sua arte aos filhos todos os dias. Observou a distância Eamon chamar Roibeard – mais dele do que dela agora, como deveria ser. Viu, orgulhosa, sua bebê cavalgar Alastar, tão determinada quanto qualquer guerreiro.

E sabia, com orgulho e também tristeza, quão frequentemente Brannaugh e seu fiel Kathel patrulhavam a floresta.

O dom estava lá, mas a infância também. Sorcha garantia que houvesse música, jogos e o máximo de inocência que pudesse preservar.

Eles recebiam visitas de pessoas em busca de feitiços, unguentos e respostas, das que esperavam amor ou fortuna. Sorcha ajudava as que podia, recebendo suas oferendas. E sempre observava a estrada – embora seu amor ainda estivesse a semanas de casa.

Levou os filhos para o rio, no pequeno barco que o pai deles construía em um dia de ventos calmos, quando o céu estava mais azul do que cinza.

– Dizem que as bruxas não podem viajar sobre a água – disse Eamon.

– É isso que dizem? – Sorcha riu e ergueu o rosto para a brisa. – Bem, aqui estamos nós, navegando.

– Quem disse foi Donal, do castelo.

– Dizer, e até mesmo acreditar nisso, não faz com que seja verdade.

– Eamon fez um sapo voar para Donal. Para se exhibir.

Eamon lançou um olhar soturno para a irmã e teria acrescentado uma cotovelada ou um beliscão se a mãe não estivesse olhando.

– Sapos voadores podem ser divertidos, mas não é sensato gastar sua magia em diversão.

– Foi um treino.

– Você poderia treinar pegando alguns peixes para o jantar. Não assim – preveniu-o Sorcha enquanto o filho erguia as mãos acima da água. – Magia não é resposta para tudo. Também é preciso saber como se proteger sem ela. Um dom nunca deve ser desperdiçado no que você pode fazer com sua inteligência, suas mãos ou suas costas.

– Eu gosto de pescar.

– Eu não – observou Brannaugh enquanto o pequeno barco navegava no rio. – Você só fica sentado, esperando e esperando. Eu preferiria caçar. Temos as florestas e poderíamos pegar coelhos para o jantar.

– Amanhã será um dia tão bom quanto hoje para isso. Se seu irmão

tiver sorte e habilidade, esta noite comeremos peixe. E talvez uma torta de batatas.

Entediada, Brannaugh entregou sua linha para a irmã e olhou por sobre a água para o castelo com grandes muralhas de pedra.

– Você não gostaria de morar ali, mãe? Ouvi as mulheres conversando. Elas disseram que todos nós seremos bem-vindos.

– Temos nossa casa e, embora seja apenas uma cabana, está em pé há mais tempo que aquelas paredes. Já estava erguida quando os O’Connors governavam, antes da Casa de Burke. Reis e princesas vêm e vão, *m’inion*, mas a casa permanece.

– Gosto da aparência dele, tão grande e alto, mas prefiro nossa floresta. – Ela apoiou a cabeça no braço da mãe por um momento. – Os Burkes poderiam tirar nossa casa.

– Poderiam, se tentassem, mas foram sábios em respeitar a magia. Não temos nenhuma rixa com eles.

– Se tivéssemos, papai lutaria contra eles. E eu também. – Ela olhou para sua mãe. – Dervia, do castelo, me disse que Cabhan foi banido.

– Você já sabia disso.

– Sim, mas ela disse que ele volta e se deita com mulheres. Sussurra em seus ouvidos e elas acham que é seu legítimo marido. Mas de manhã, descobrem. Choram. Ela disse que você deu às mulheres amuletos para mantê-lo longe, mas... ele seduziu uma das criadas da cozinha, no pântano. Ninguém consegue encontrá-la.

Sorcha sabia disso, e sabia também que a criada nunca seria encontrada.

– Ele brinca com elas e abate os fracos para se alimentar. Seu poder é negro e frio. A luz e o fogo sempre o derrotarão.

– Mas ele volta. Arranha janelas e portas.

– Ele não consegue entrar – garantiu Sorcha, mas sentiu um arrepio em seu sangue.

Nesse exato momento Eamon deu um grito e, ao erguer sua linha, um peixe prateado brilhava ao sol.

– Sorte e habilidade – disse Sorcha com uma risada, pegando a rede.

– Quero pescar um. – Teagan se inclinou ansiosamente para a água, como se procurasse um peixe.

– Esperamos que pesque, porque, mesmo com este peixe magnífico, precisaremos de mais de um. Bom trabalho, Eamon.

Eles pescaram mais três e, se Sorcha usou a magia para ajudar um pouco sua filha, foi por amor.

Ela remou na volta, com o sol brilhando, a brisa dançando e o ar cheio de vozes de crianças.

Um bom e lindo dia, pensou, e a primavera estava tão próxima que quase podia saboreá-la.

– Vá correndo para casa, Eamon, e limpe estes peixes. Você pode começar a fazer as batatas, Brannaugh. Eu cuidarei do barco.

– Vou ficar com você. – Teagan pôs a mão na da mãe. – Posso ajudar.

– Pode sim, porque precisamos pegar um pouco de água no riacho.

– Os peixes gostam de ser pescados e comidos?

– Não posso dizer que sim, mas essa é a finalidade deles.

– Por quê?

Enquanto amarrava o barco, Sorcha lembrou que “por quê” tinham sido as primeiras palavras de Teagan.

– Os poderes não puseram o peixe na água e nos deram inteligência para fazer as redes e linhas?

– Mas eles devem gostar mais de nadar do que do fogo.

– Espero que sim. É por isso que devemos comer com atenção e gratidão.

– E se nós não os pegássemos e comêssemos?

– Então ficaríamos com fome.

– Eles conversam debaixo da água?

– Bem, nunca conversei com um peixe. – Sorcha apertou o manto de Teagan contra o corpo da filha. – Está esfriando. – Ela ergueu os olhos e viu nuvens encobrendo o sol. – Podemos ter uma tempestade esta noite. É melhor irmos para casa.

Assim que ela se aprumou, a névoa surgiu. Cinza e suja, esgueirou-se como uma cobra sobre o chão, tirando o brilho do dia.

Não era uma tempestade chegando, percebeu Sorcha. A ameaça já estava ali.

Sorcha empurrou Teagan para trás quando Cabhan saiu da névoa.

Ele usava preto salpicado de prata como estrelas num céu da meia-noite. Seus cabelos caíam em ondas sobre os ombros, uma moldura cor de ébano para o rosto duro e bonito. Seus olhos, misteriosos como um coração cigano, demonstravam poder e prazer ao olhar para Sorcha.

Ela os sentiu como mãos ousadas em sua pele.

Ao redor do pescoço Cabhan usava um grande pendente de prata na forma de sol com uma pedra gorda – um olho vermelho brilhante – no centro. Aquilo era novo, pensou Sorcha, sentindo seu poder sombrio.

– Minha senhora – disse ele, fazendo-lhe uma medida.

– Você não é bem-vindo aqui.

– Eu vou aonde quiser. Vejo uma mulher e sua linda filha pequena sozinhas. Um banquete para bandidos e lobos. Você não tem nenhum homem para protegê-la, Sorcha da Noite. Eu as acompanharei.

– Estou em segurança. Vá embora, Cabhan. Está perdendo seu tempo e seus poderes aqui. Nunca cederei a alguém como você.

– Sim, você cederá. Seu destino é se unir a mim. Vi isso no vidro.

– Você vê mentiras e desejos, não verdade ou destino.

Ele apenas sorriu, um gesto tão sedutor quanto sua voz.

– Juntos governaremos esta terra e qualquer outra que quisermos. Você usará tecidos finos de cores brilhantes e cobrirá sua pele de joias.

Ele girou as mãos. Teagan ficou boquiaberta ao ver a mãe usando o vermelho vivo da realeza, joias brilhantes e uma coroa de ouro cravejada delas.

Com a mesma rapidez, Sorcha sacudiu uma das mãos e estava novamente vestida em sua lã preta simples.

– Não tenho nenhuma necessidade e nenhum desejo de suas cores e seus brilhos. Me deixe em paz, e minha família também, ou sentirá minha ira.

Ele riu, o som saindo com calmo e terrível prazer.

– É de admirar, minha querida, que eu não queira ninguém mais além de você? Seu fogo, sua beleza, seu poder, tudo isso está destinado a ser meu.

– Sou mulher de Daithi e sempre serei.

Com um grunhido de indignação, Cabhan agitou os dedos.

– Daithi se preocupa mais com seus ataques, seus jogos e suas pequenas guerras triviais do que com você ou com os filhos que lhe deu. Há quantas luas ele não compartilha sua cama? Você sente frio à noite, Sorcha. Percebo isso. Eu lhe mostrarei prazeres que nunca conheceu. E a tornarei mais do que você é. Eu a tornarei uma deusa.

O medo tentou rastejar para dentro dela como a névoa rastejava no chão.

– Eu morreria pela minha própria mão antes de me deitar com você. Tudo o que você anseia é mais poder.

– E você é uma tola por não ansiar. Juntos esmagaremos todos que fica-

rem contra nós, viveremos como deuses, seremos deuses. E para isso eu lhe darei o que seu coração mais deseje.

– Você não conhece o meu coração.

– Um bebê em sua barriga para substituir o que perdeu. Meu filho, nascido de você. Mais poderoso do que qualquer um jamais foi ou será.

Sorcha sentiu a dor da perda – e um medo terrível da pequena semente de desejo do que ele oferecia. Uma vida crescendo nela, forte e real.

Sentindo esse medo, Cabhan se aproximou.

– Um filho – murmurou. – Radiante em seu útero. Desenvolvendo-se nele, nascendo forte e glorioso como nenhum outro. Dê-me sua mão, Sorcha, e eu lhe darei o desejo de seu coração.

Sorcha tremeu por um momento. Ah, por todos os deuses, ansiava por aquela vida.

Ao sentir a mãe tremer, Teagan saiu de trás das saias dela. Atirou uma pedra e atingiu Cabhan na têmpora. Um pequeno filete de sangue vermelho-escuro escorreu por sua pele pálida.

Seus olhos se tornaram ferozes quando ele balançou o braço. Antes que pudesse desferir o golpe, Sorcha o empurrou para trás com a pura força de sua vontade.

Ela segurou Teagan nos braços.

Agora o vento soprava ao seu redor, o natural e o nascido de sua própria fúria.

– Eu o matarei mil vezes, eu o farei sofrer por dez mil anos se puser as mãos em minha filha. Juro por tudo que sou.

– Você me ameaça? Você e sua pequena? – Ele fixou os olhos no rosto de Teagan, e seu sorriso se espalhou, mortal. – Bela pequena. Brilhante como um peixe na água. Devo pegar você e devorá-la?

Embora se agarrasse a Sorcha e tremesse, Teagan não se acovardou:

– Vá embora!

Com fúria e medo, seu jovem e não experimentado poder se manifestou e o atingiu, tão real quanto a pedra. Começou a sair sangue da boca de Cabhan e o sorriso dele se tornou um rosnado.

– Primeiro você, depois seu irmão. Sua irmã... um pouco de amadurecimento primeiro, e então ela também me dará filhos. – Ele passou a ponta de um dedo sobre o sangue em seu rosto e o cruzou sobre o amuleto. – Eu os teria poupado – disse ele a Sorcha. – Agora os verá morrer.

Sorcha apertou os lábios contra a orelha de Teagan.

– Ele não pode machucá-la – começou em um sussurro, e depois observou horrorizada Cabhan se transformar.

O corpo dele mudou, se torceu como a névoa. O amuleto brilhou e a pedra girou até os olhos de Cabhan ficarem tão vermelhos quanto ela.

Pelos negros cobriram seu corpo. Garras surgiram de seus dedos. E, enquanto ele parecia cair no chão, atirou a cabeça para trás e uivou.

Lenta e cuidadosamente, Sorcha pôs Teagan de novo atrás de si.

– Ele não pode machucá-la. – Rezou para que isso fosse verdade, para que a magia que pusera na placa de cobre contivesse até mesmo aquela forma.

Porque estava claro que ele trocara sua alma por essa arte negra.

O lobo mostrou os dentes e pulou.

Sorcha o empurrou para trás – estendendo as mãos, reunindo suas forças para que aquela pura luz branca emanasse de suas palmas. Quando a luz atingiu o lobo, ele gritou, quase como um homem. Mas atacou de novo, pulando, rosnando, seus olhos ferozes e horrivelmente humanos.

As garras se projetaram e atingiram as saias de Sorcha, rasgando-as. Então foi o grito de Teagan que rasgou o ar.

– Vá embora, vá embora! – Ela atirou no lobo pedras que se transformavam em bolas de fogo quando o atingiam, fazendo a névoa ficar com cheiro de carne e pelo queimado.

O lobo investiu de novo, ainda uivando. Teagan caiu para trás enquanto Sorcha o golpeava. O manto da garotinha se abriu. Da placa de cobre que usava saiu uma chama azul, reta e afiada como uma flecha, que atingiu o flanco do lobo, deixando uma marca com a forma de um pentagrama.

Com um grito de dor, o animal recuou. Enquanto agitava as patas no ar, Sorcha reuniu tudo o que tinha – sua luz, sua esperança e seu poder.

O mundo se tornou branco, cegando-a. Desesperada, procurou a mão de Teagan e caiu de joelhos.

A névoa desapareceu. Tudo que restou do lobo foi terra queimada com a forma dele.

Chorando, Teagan se agarrou à mãe, escondendo-se nela – agora era apenas uma criança, com medo de monstros muito reais.

– Veja, ele se foi. Você está segura. Precisamos ir para casa, minha querida.

Mas Sorcha não tinha forças nem para ficar de pé. Sentiu vontade de chorar por ter sido reduzida a tão pouco. Em outros tempos poderia ter

reunido o poder para voar pela floresta com sua filha nos braços. Agora seus membros tremiam, sua respiração queimava e seu coração batia tão rápido e forte que o sentia nas têmporas.

Se Cabhan se recuperasse, se voltasse...

– Corra para casa. Você conhece o caminho. Corra para casa. Eu a seguirei.

– Vou ficar com você.

– Teagan, faça o que eu digo.

– Não. Não. – Esfregando os olhos, Teagan balançou a cabeça, teimosa.

– Você vem. Você vem.

Sorcha cerrou os dentes e conseguiu se levantar. Mas depois de dois passos caiu de joelhos de novo.

– Não consigo, minha querida. Minhas pernas não vão me sustentar.

– Alastar pode carregar você. Eu o chamarei e ele nos levará para casa.

– Você pode chamá-lo de tão longe?

– Ele virá bem rápido.

Teagan se pôs sobre suas pernas firmes e ergueu os braços.

– Alastar, Alastar, corajoso e livre, atenda ao meu chamado e venha até mim. Corra, corra de verdade ao encontro de quem precisa de você.

Teagan mordeu o lábio e se virou para a mãe.

– Brannaugh me ajudou com as palavras. Ficaram boas?

– Sim, ótimas. – Jovem, pensou Sorcha. Simples e pura. – Diga isso mais duas vezes. Três é magia forte.

Teagan obedeceu e depois voltou para acariciar os cabelos da mãe.

– Quando estivermos em casa, você ficará boa de novo. Brannaugh lhe fará chá.

– Sim, é isso que ela fará. Quando estivermos em casa, ficarei boa de novo. – Ela pensou que era a primeira vez que mentia para a filha. – Encontre um bastão forte para mim. Acho que consigo me apoiar nele e andar um pouco.

– Alastar virá.

Embora duvidasse disso, Sorcha assentiu.

– Nós o encontraremos. Encontre um bastão firme para mim, Teagan. Temos que chegar em casa antes de escurecer.

Enquanto Teagan se erguia com dificuldade, elas ouviram os cascos.

– Ele está vindo! Alastar! Estamos aqui, estamos aqui!

Ela chamara seu guia, pensou Sorcha, e uma forte pontada de orgulho venceu sua fadiga. Teagan correu para se encontrar com o cavalo e Sorcha reuniu forças de novo, levantando-se cheia de dor.

– Aqui está você, um príncipe dos cavalos. – Grata, Sorcha encostou o rosto no focinho de Alastar. – Você pode me ajudar a montar? – perguntou para Teagan.

– Ele a ajudará. Eu lhe ensinei um truque. Estava esperando papai voltar para mostrar. Ajoelhe-se, Alastar! Ajoelhe-se! – Rindo, Teagan abaixou uma das mãos.

O cavalo abaixou a cabeça, dobrou as pernas dianteiras e se ajoelhou.

– Ah, minha menina inteligente!

– É um bom truque?

– Sim. É ótimo. – Agarrando a crina, Sorcha subiu no cavalo. Ágil como um grilo, Teagan pulou e se sentou na frente dela.

– Segure-se em mim, mãe! Alastar e eu a levaremos para casa.

Sorcha se segurou na cintura da menina, confiando na criança e no cavalo. Cada passo do galope produzia dor, mas também as levava para mais perto de casa.

Quando se aproximaram da clareira, Sorcha viu seus filhos mais velhos correndo na direção delas, Brannaugh arrastando a espada do avô e Eamon segurando uma adaga.

Corajosos demais.

– Voltem para a casa, agora! Depressa!

– O malvado veio – gritou Teagan. – E se transformou em um lobo. Atrrei pedras nele, Eamon, como você fez.

As vozes das crianças – as perguntas, a excitação, as manifestações de medo – ecoaram na cabeça de Sorcha. Ela estava encharcada de suor. Mais uma vez agarrou a crina de Alastar, descendo até o chão. Cambaleou quando o mundo ficou cinza.

– Mamãe está doente. Ela precisa do seu chá.

– Para dentro – consegui dizer Sorcha. – Tranquem a porta.

Ela ouviu Brannaugh dar ordens, comandando como um chefe tribal – “busquem água, aticem o fogo” – e se sentiu como se flutuasse para sua cadeira, onde seu corpo desabou.

Um pano frio em sua cabeça. Líquido forte e quente descendo por sua garganta. Uma melhora na dor, a dissipação da névoa.

– Agora descanse. – Brannaugh lhe acariciou os cabelos.

– Estou melhor. Você tem um forte dom para a cura.

– Teagan disse que o lobo foi consumido pelo fogo.

– Não. Sim, nós o ferimos, mas ele está vivo.

– Nós o mataremos. Faremos uma armadilha e o mataremos.

– Talvez, quando eu estiver mais forte. Ele está mais forte do que antes, com esse poder de mudar de forma. Não sei dizer que preço pagou por ele, mas foi caro. Sua irmã o marcou. Aqui. – Sorcha pôs uma das mãos sobre o ombro esquerdo. – A forma de um pentagrama. Fiquem atentos a isso, tomem cuidado com quem tiver essa marca.

– Tomaremos. Não se preocupe mais. Prepararemos o jantar e você se sentirá forte para comer e descansar.

– Você me fará um amuleto. Exatamente como eu disser. Faça-o e o traga para mim. O jantar pode esperar.

– Ele a tornará mais forte?

– Sim.

Brannaugh fez o amuleto e Sorcha o pendurou no pescoço, perto de seu coração. Bebeu mais poção e, embora estivesse com pouco apetite, se forçou a comer.

Ela dormiu, sonhou, acordou e viu Brannaugh vigiando-a.

– Vá para a cama. Está tarde.

– Nós não a deixaremos. Posso ajudá-la a ir para a sua.

– Vou ficar sentada aqui perto do fogo.

– Então eu me sentarei com você. Nós nos revezaremos. Acordarei Eamon quando for a vez dele, e Teagan lhe trará seu chá de manhã.

Cansada demais para discutir e orgulhosa demais para repreender, Sorcha apenas sorriu.

– É assim que vai ser?

– Até você ficar boa de novo.

– Estou melhor, eu juro. A magia dele foi muito forte, negra. Combatê-la exigiu mais do que eu tinha. Você ficaria orgulhosa da nossa Teagan. Ela foi muito corajosa e esperta. E você, correndo na nossa direção com a espada de seu avô!

– É muito pesada.

A risada fez bem a Sorcha.

– Ele era um homem grande com uma barba vermelha do comprimento

do seu braço. – Com um suspiro, ela passou a mão na cabeça de Bran-naugh. – Se você não vai para a cama, arrume um catre no chão. Nós duas dormiremos um pouco.

Quando a filha dormiu, Sorcha fez um feitiço para tornar os sonhos dela bons e doces.

Então se virou para o fogo. Já passava da hora de chamar Daithi para casa. Precisava da espada e da força dele. Precisava dele.

Então abriu a mente para o fogo e o coração para seu amor.

Seu espírito viajou por sobre colinas e campos, através da noite e de florestas, sobre a água onde a lua nadava. Voou por toda a distância que os separava do acampamento do clã deles.

Daithi estava dormindo perto do fogo, com o luar cobrindo-o como um manto.

Quando Sorcha pousou ao lado dele, os lábios de Daithi se curvaram e ele a abraçou.

– Você está cheirando a lareira de casa e a clareira.

– É para casa que você deve ir.

– Em breve, *aghra*, meu amor. Duas semanas, não mais.

– Amanhã você deve partir o mais rápido possível. Meu querido, meu guerreiro. – Sorcha pôs as mãos em concha no rosto dele. – Todos nós precisamos de você.

– E eu preciso de você. – Ele se virou à visão dela, e abaixou a boca para a de Sorcha.

– Mas não para a cama, embora eu anseie por você. Todos os dias, todas as noites. Preciso de sua espada, preciso de você ao meu lado. Cabhan atacou hoje.

Daithi se ergueu de um pulo, sua mão no punho da espada.

– Você está ferida? As crianças?

– Não, mas por pouco. Ele está mais forte, e eu, mais fraca. Temo não conseguir detê-lo.

– Não há ninguém mais forte que você. Ele nunca tocará na Bruxa da Noite.

A fé de Daithi nela partiu seu coração, porque não mais a merecia.

– Eu não estou bem.

– O que houve?

– Não queria afligi-lo e... não, meu orgulho. Eu o valorizei demais, mas

agora o dispenso. Tenho medo do que virá, Daithi. Tenho medo dele. Não posso detê-lo sem você. Por nossos filhos, nossas vidas, volte para casa.

– Eu irei esta noite. Levarei homens comigo.

– À primeira luz. Espere pela luz, porque a escuridão é dele. E seja rápido.

– Dois dias. Estarei em casa com você daqui a dois dias. E Cabhan conhecerá a força da minha espada. Eu juro.

– Eu o acompanharei e esperarei. Sou sua nesta vida e em todas as que virão.

– Cure-se, minha feiticeira. – Ele levou as mãos de Sorcha aos lábios. – Isso é tudo que lhe peço.

– Venha para casa e eu me curarei.

– Dois dias.

– Dois dias. – Sorcha o beijou, abraçando-o com força. E levou o beijo com ela ao voar de volta sobre o espelho da lua e as colinas verdes.

Voltou para seu corpo muito cansado, só que também mais forte. A magia entre eles fluía, abundante e verdadeira.

Dois dias, pensou, e fechou os olhos. Enquanto Daithi vinha, ela descansaria, deixaria a magia crescer de novo. Manteria as crianças por perto, atraídas para a luz.

Dormiu de novo e voltou a sonhar.

Em seu sonho viu que ele não esperou pela luz. Montou ao luar, sob as estrelas frias. Seu rosto estava feroz e seu cavalo saltitava no chão duro.

O cavalo seguiu em frente, ultrapassando as montarias dos três homens que cavalgavam com ele.

Usando o luar e as estrelas, Daithi voltava para casa, para sua família e sua mulher. Porque ele amava mais a Bruxa da Noite do que sua própria vida.

Quando o lobo pulou do escuro, Daithi mal teve tempo de desembainhar a espada. Desferiu um golpe, mas só cortou o ar enquanto o cavalo recuava. A névoa subiu como paredes cinzentas, aprisionando-o, bloqueando seus homens.

Ele lutou, mas o lobo pulou por sobre a espada, as patas atacando com violência e desaparecendo na névoa. Apenas para ressurgir dela.

Sorcha voou para alcançá-lo, pairando outra vez sobre aquelas colinas e a água.

Ela soube quando aquelas mandíbulas o morderam, quando o sangue

espirrou do coração dele – do dela. Suas lágrimas eram como a chuva, dissipando a névoa. Gritando o nome dele, caiu no chão ao lado de Daithi.

Tentou seu feitiço mais forte, seu amuleto mais poderoso, mas o coração dele não voltou a bater.

Ao segurar a mão de Daithi na sua e gritar para a deusa por misericórdia, ouviu o lobo rir no escuro.

BRANNAUGH ESTREMECEU NO SONO, PERSEGUIDA POR SONHOS CHEIOS DE sangue, rosnados e morte. Lutou para libertar-se deles. Queria sua mãe e seu pai, queria o sol e o calor da primavera.

Mas nuvens e frio a cobriram. O lobo saiu da névoa e parou na frente dela. Seus caninos estavam vermelhos e gotejantes.

Com um grito abafado, Brannaugh se ergueu no catre e agarrou seu amuleto. Dobrou os joelhos e os abraçou com força, esfregando o rosto molhado de lágrimas nas pernas para enxugá-lo. Ela não era um bebê para chorar com pesadelos.

Passava da hora de acordar Eamon, e depois esperava ter um sono mais tranquilo em sua própria cama.

Primeiro virou a cabeça para olhar a mãe e viu a cadeira vazia. Esfregando os olhos, a chamou em voz baixa enquanto se levantava.

Viu Sorcha deitada no chão entre a lareira e a escada para o sótão, imóvel, como se estivesse morta.

– Mãe! Mãe! – Tomada de pavor, deu um pulo para a frente e caiu ao lado de Sorcha. Com as mãos trêmulas, virou-a e pôs a cabeça dela em seu colo, dizendo o nome da mãe repetidamente, como se aquilo fosse um cântico.

Branca demais, imóvel demais, fria demais. Embalando-a, Brannaugh agiu sem uma ideia ou um plano. Quando o calor a invadiu, despejou-o sobre a mãe. Suas mãos trêmulas pressionaram com força o coração de Sorcha enquanto sua própria cabeça caía para trás, com o olhar fixo e vidrado. A fumaça negra deles absorvia a luz e lançava raios para a mãe.

O calor saiu, o frio entrou e, ainda tremendo, Brannaugh tombou para a frente. Céu e mar se agitaram; luz e escuridão giraram. Uma dor como nunca sentira se espalhou por sua barriga e atingiu seu coração.

Então passou, deixando apenas exaustão.

De algum lugar distante, ouviu seu cão latindo.

– Chega! Chega! – A voz de Sorcha se fez ouvir, fraca e severa. – Pare. Brannaugh, você deve parar.

– Você precisa de mais. Encontrarei mais.

– Não. Faça o que eu digo. Respiração tranquila, mente tranquila, coração tranquilo. Respiração, mente, coração.

– O que houve de errado? O que aconteceu? – Eamon desceu a escada correndo. – Mãe!

– Eu a encontrei. Ajude-me a levá-la para a cama.

– Não, para a cama não. Não é o momento para isso – disse Sorcha. – Eamon, deixe Kathel entrar e acorde Teagan.

– Ela acordou e está aqui.

– Ah, eis o meu bebê. Não precisa se preocupar.

– Há sangue. Nas suas mãos.

– Sim. – Escondendo seu pesar, Sorcha olhou para as mãos. – Não é meu.

– Pegue uma toalha, Teagan, e vamos lavá-la.

– Não, uma toalha não. O caldeirão. Peguem minhas velas, o livro e o sal. Todo o sal que temos. Atice o fogo, Eamon. Brannaugh, faça meu chá, bem forte.

– Vou fazer.

– Teagan, seja uma boa menina e vá juntar a nossa comida.

– Vamos viajar?

– Vamos. Alimente o gado, Eamon. Sim, ainda está cedo, mas alimente bem todos os animais e junte toda a aveia que puder para Alastar.

Ela pegou a xícara de Brannaugh e bebeu todo o seu conteúdo.

– Agora vá arrumar suas coisas, suas roupas e os cobertores. Pegue a espada, a adaga e todas as moedas e joias que minha avó deixou. Tudo que ela me deixou. Tudo, Brannaugh. Não deixe nada de valor. Empacote tudo e seja rápida! – ordenou ela.

Brannaugh saiu correndo.

O tempo, refletiu a Bruxa da Noite, ia e vinha. E agora lhe restava muito pouco. Mas o suficiente. Ela o tornaria suficiente.

Sentou-se em silêncio enquanto os filhos cumpriam suas ordens. E reuniu suas forças, seu poder.

Quando Brannaugh desceu, Sorcha estava de pé, com a pele quente e com cor e os olhos com foco e energia.

– Você está bem!

– Não, minha querida, não estou nem voltarei a ficar. – Ela ergueu uma das mãos antes de Brannaugh poder falar. – Mas estou forte para este momento e esta necessidade. Farei o que é preciso, e você também. – Ela olhou para a filha, sua garotinha. – Vocês todos farão. Partirão antes do nascer do sol. Devem se manter na floresta e seguir para o sul. Não usem a estrada até todos estarem bem. Encontre minha prima, Ailish, do clã O’Dwyer, e lhe contem a história. Ela fará o que puder.

– Todos nós iremos.

– Não, Eamon. Eu vou esperar aqui. Você deve ser forte e corajoso, proteger suas irmãs, e elas o protegerão. Eu não sobreviveria à viagem.

– Eu vou fazer você ficar boa – insistiu Brannaugh.

– Isso está além da sua capacidade. Era para acontecer. Mas não os deixarei sozinhos ou desamparados. O que sou, o que tenho, viverá em vocês. Um dia voltarão para esta casa, que é a fonte. Não posso lhes dar sua inocência, mas lhes darei poder. Fiquem comigo, porque são meu coração e minha alma, meu sangue e meus ossos. Tudo que tenho. E agora lanço o círculo onde nenhuma escuridão penetrará.

O fogo circundou o chão e, ao sacudir da mão de Sorch, se acendeu debaixo do caldeirão. Olhando novamente para as mãos, ela suspirou e deu um passo para a frente.

– Este é o sangue do pai de vocês. – Ela abriu as mãos sobre o caldeirão e o sangue foi despejado. – E estas são minhas lágrimas e as de vocês. Ele estava vindo nos proteger, voltando para casa como lhe pedi. Uma armadilha preparada por Cabhan, usando meu medo e minha fraqueza. Ele levou a vida do pai de vocês, como levará a minha. A vida, mas não o espírito, não o poder.

Sorch se ajoelhou e abraçou os filhos, que choravam.

– Eu os confortaria em todos os momentos que me restam, mas não há tempo para o luto. Lembrem-se daquele que os gerou e amou. Sei que estarei ao lado dele cuidando de vocês.

– Não nos mande embora. – Teagan soluçou no ombro da mãe. – Quero ficar com você. Quero o papai.

– Vocês levarão a luz que há em mim. Sempre estarei com vocês. – Com as mãos agora limpas e brancas, Sorch enxugou as lágrimas do rosto da filha. – Você, minha luz brilhante, minha esperança. Você, meu filho co-

rajoso. – Ela beijou os dedos de Eamon. – Meu querido. E você, minha resoluta pesquisadora. – Ela pôs as mãos em concha no rosto de Brannaugh. – Minha força. Leve-me com você. E agora, faremos este feitiço juntos. Fiquem comigo! Digam o que eu disser, façam o que eu fizer.

Ela estendeu as mãos.

– Com sangue e lágrimas derramamos nossos medos. – Ela balançou uma das mãos sobre o caldeirão e o líquido ali dentro começou a borbulhar. – Quatro pitadas de sal para fechar e trancar a porta. Ervas daninhas para prender, frutos silvestres para cegar. Meus filhos ele não verá, viverão seguros e livres. Pétalas bonitas tingidas com ódio, perfume doce para seduzir. Tudo fervido no fogo e na fumaça, e que nesta poção Cabhan se afogue quando eu o chamar e ele vier até mim. Que assim seja.

A luz brilhou fazendo todo o círculo arder com ela.

Sorcha evocou Hécate, Brígida, Morrigan e Babd Catha, reunindo a força e o poder das deusas. O ar tremeu, parecendo se dividir. Encheu-se de vozes enquanto Sorcha mantinha os braços erguidos no alto fazendo orações e pedidos.

A fumaça se tornou vermelha como o sangue e obscureceu a sala. Então, como em um redemoinho, foi sugada de volta para o caldeirão.

Com os olhos brilhando, Sorcha despejou a poção em um vaso, tampou-o e o enfiou em seu bolso.

– Mãe – disse Brannaugh, ofegante.

– Sou e sempre serei. Não tenham medo de mim ou do que lhes dou agora. Meu bebê. – Ela pegou as mãos de Teagan. – Isso crescerá em você, junto com você. Sempre será a garota gentil que pergunta por quê. Sempre defenderá aqueles que não podem se defender. Tome isto.

– Está quente – disse Teagan, suas mãos brilhando nas da mãe.

– Esfriará de novo, até você precisar. Meu filho, você voará e lutará. Sempre será leal e verdadeiro. Tome isto.

– Eu levaria você. Eu a protegeria.

– Proteja suas irmãs. Brannaugh, minha filha mais velha. Há tanto que lhe pedir! Seu dom já está forte, e agora lhe dou mais. Mais do que Teagan e Eamon, como devo fazer. Você construirá e fará. Quando amar, nunca acabará. Sempre será aquela que procurarão primeiro, e sempre carregará o fardo. Perdoe-me, e tome isto.

Brannaugh arfou.

– Isso arde!

– Apenas por um instante. – E naquele momento Sorcha sofreu por mil anos. – Abra. Tome. Viva.

Sorcha conservou apenas o suficiente e, quando terminou, se deixou escorregar para o chão. Ela não era mais a Bruxa da Noite.

– Vocês são a Bruxa da Noite, três em um. Um dia voltarão. Esta é minha dádiva e minha maldição. Cada um de vocês é forte, e juntos são mais ainda. Um dia voltarão. Agora vão, depressa. O dia está chegando. Saibam que meu coração estará com vocês.

Mas Teagan se agarrou a ela, chutou e chorou quando Eamon a puxou.

– Leve-a para fora, para Alastar – disse Brannaugh em voz baixa.

Mas antes Eamon se ajoelhou na frente da mãe.

– Vingarei meu pai e você, mãe. Protegerei minhas irmãs com minha vida. Eu juro.

– Estou orgulhosa de você, meu filho. Eu o verei de novo. Meu bebê – disse ela para Teagan –, você voltará. Eu prometo.

Brannaugh se virou para a irmã e passou a mão na cabeça dela. E Teagan adormeceu.

– Leve-a, Eamon, e leve os pacotes que puder carregar. Eu levarei o resto.

– Eu a ajudarei. Estou forte o bastante – insistiu Sorcha.

Ela não pretendia deixar Cabhan entrar em sua casa.

Enquanto eles colocavam a carga no cavalo, Brannaugh olhou nos olhos da mãe.

– Eu entendo.

– Eu sei.

– Não deixarei que nenhum mal aconteça a eles. Se você não puder destruir Cabhan, seu sangue o destruirá. Mesmo que demore mil anos, seu sangue o destruirá.

– A noite está passando tão rápido! Alastar levará vocês três para longe o suficiente ao longo do dia. – Os lábios de Sorcha tremeram antes de ela se forçar a firmá-los. – Nosso bebê tem um coração terno.

– Sempre cuidarei dela. Eu juro.

– Então isso é o bastante. Vá, ou tudo terá sido em vão.

Brannaugh se ergueu atrás de seu irmão e sua irmã enfeitiçada.

– Se eu sou sua força, mãe, você é a minha. Todos os que vierem de nós saberão sobre Sorcha. Todos honrarão a Bruxa da Noite.

Através de suas lágrimas, ela olhou para a frente e bateu os calcanhares no cavalo, pondo-o a galope.

Sorcha os observou e, em sua mente, continuou vigiando-os enquanto eles cavalgavam no escuro da floresta, para longe dela. Em direção à vida.

E ao raiar do dia, pegou a poção em seu bolso e a bebeu. Esperou o bruxo negro chegar.

Ele trouxe a névoa, mas veio como homem, atraído pelo cheiro e pelo brilho da pele dela. Pelo poder dela, agora falso, mas potente.

– Meu homem está morto – disse Sorcha.

– Seu homem está na sua frente.

– Mas você não é como os outros homens.

– Sou mais do que os outros. Você me chamou, Sorcha da Noite.

– Eu não sou mais uma mulher como as outras. As necessidades devem ser satisfeitas. Poder exige poder. Você me tornará uma deusa, Cabhan?

Ganância e luxúria obscureceram os olhos dele e o cegaram.

– Eu lhe mostrarei mais do que pode imaginar. Juntos teremos tudo, seremos tudo. Você só tem de se unir a mim.

– E meus filhos?

– Seus filhos? – Ele olhou para a casa. – Onde eles estão?

– Dormindo. Sou a mãe deles e quero que me dê sua palavra de que ficarão seguros. Você não pode entrar antes de fazer isso. Não posso me unir a você enquanto não fizer seu juramento.

– Eu não lhes causarei nenhum mal. – Ele sorriu de novo. – Juro.

Mentiroso, pensou Sorcha. Ainda posso ver sua mente, o fundo sombrio de seu coração.

– Então venha e me beije. Torne-me sua como eu o tornarei meu.

Cabhan a puxou com força, torcendo seus cabelos com crueldade para puxar a cabeça dela para trás. E apertou os lábios nos de Sorcha.

Sorcha os abriu, e com morte em seu coração deixou a língua de Cabhan lhe explorar a boca. Deixou o veneno fazer seu trabalho.

Ele cambaleou para trás, apertando a garganta.

– O que você fez?

– Eu o venci. Eu o destruí. E em meus últimos suspiros o amaldiçoo. Neste dia e nesta hora evoco o que resta do meu poder. Você queimará e morrerá em sofrimento, e saberá que a Bruxa da Noite o matou. Desse

modo meu sangue amaldiçoa o seu por toda a eternidade. Como eu farei. Que assim seja.

Cabhan dirigiu seu poder a Sorcha, mesmo quando sua pele começou a escurecer e fumegar. Ela caiu em agonia, mas se agarrou à vida. Apenas para ver a morte dele.

– Malditos sejam todos aqueles que vierem de você – Cabhan conseguiu dizer enquanto as chamas explodiam sobre ele e seus gritos rasgavam o mundo.

– Minha morte pela dele – sussurrou ela quando as cinzas negras do bruxo fumegaram no chão. – Isso é certo. É justo. Está feito.

Ela relaxou, libertou seu espírito e deixou seu corpo ao lado da cabana na floresta verde.

E enquanto a névoa girava, algo se mexeu nas cinzas negras.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)